

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: UMA ESTRATÉGIA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Rita de Cássia Milléo Mainardes¹

RESUMO

A leitura é forma de lazer, de prazer, de aquisição de conhecimento, de enriquecimento cultural e de interação. Por isso, o projeto *A Arte de Contar Histórias: Uma teia mágica que enreda leitores* visou disseminar a literatura e as histórias populares na escola. O projeto incentivou a contação de histórias como forma de promover a leitura e de formar o aluno em um leitor apaixonado. O público-alvo compõe-se de alunos do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Newton Ferreira da Costa. Para tanto, o projeto desenvolveu-se através da capacitação de alunos contadores de histórias que, com a orientação e mediação do professor, formaram grupos de alunos leitores. Toda quinta-feira, no contra turno escolar, os alunos participantes reuniam-se para ouvir, ler, selecionar textos e aprender algumas técnicas para contar histórias aos colegas do grupo e na sala de aula. Dessa oficina, com encontros realizados de maio a dezembro, participou ativamente um público de aproximadamente trinta alunos. Esse trabalho culminou com o *Festival dos Contadores*. Constatou-se que o projeto atendeu às expectativas dos alunos participantes, tendo uma resposta positiva, após a sua realização.

Palavras-chave: Leitura. Leitores. Contação de histórias.

ABSTRACT

Reading is a way of achieving leisure and pleasure, of acquiring knowledge, of cultural enrichment and interaction. Therefore, the project *The Art of Story Telling: A magic web that entices readers* aimed at spreading literature and popular stories at school. It encouraged the story-telling as a means of promoting reading and forming a passionate reader. The target is the students of the Newton Ferreira da Costa School basic level. To achieve that it has been developed through the enabling of story-teller students which, along with the teacher's guidance and mediation, gathered groups of reading students. Every Thursday, in another period of class, the students who took part in the program gathered together to listen, read, choose texts and learn some new techniques so to tell stories to their teammates and at the classroom. Around thirty students have had a dynamic participation in this workshop, with meetings from May to December. This endeavor ultimately got to The Tellers Festival. We all learned that the project met the expectation of the students involved, with a positive response, after it ended.

Keywords: Reading. Readers. Story-telling.

^{1*} Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Paraná, participante do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) da SEED, em 2007/2008. ritacmilleo@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade inerente à condição humana. Freire (2005) afirma que a leitura de mundo antecede à da palavra, ou seja, desde que nascemos somos leitores do mundo e nossas ações decorrem dessa leitura. Ela é muito importante para inspirar sentimentos, valores, condutas e a celebração da própria vida.

Por isso, a leitura exerce um importante papel no crescimento intelectual, crítico e criativo do aluno, desenvolvendo as suas potencialidades e, conseqüentemente, o seu rendimento escolar, tanto como estudantes, como também no aperfeiçoamento de sua personalidade. Sobre isso, Bamberger (1995, p. 13) afirma que a “leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”.

Quando o ser humano experimenta a leitura, ele executa um ato de compreender o mundo, pois ler é, antes de tudo, compreender, e compreender é ser. Portanto, ler o mundo é assumir-se como sujeito da própria história. É ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político. É imprescindível que os diversos segmentos da sociedade convençam-se da importância da leitura e, desta forma, da escrita. Conforme Gadotti (1988, p. 17):

... o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como 'perigo', 'atenção', 'cuidado', para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente.

Dessa forma, faz-se necessário que nos conscientizemos, enquanto educadores, da responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultural do educando. A escola deve valorizar o livro, não como algo para ser guardado na estante, mas para ser lido. É também dever da escola indicar diretrizes e incentivar a prática da leitura. Segundo Ziraldo (1988, p. 27): “... a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante quanto respirar”. Apesar disso, o prazer da leitura não constitui um hábito para grande parte dos brasileiros. Não se vê pessoas lendo. Na maioria das vezes, o único contato que se tem com os livros é nas escolas, cuja leitura é

obrigatória e não voluntária. Os jovens têm atravessado os portões das escolas sem ler e têm chegado às universidades tendo lido apenas resumos dos livros solicitados para o vestibular.

Porém, enquanto professores e formadores de leitores que somos, é possível acreditar na mudança desse protótipo de leitor.

Se a leitura for trabalhada de uma forma diferente nas escolas, transformando-a em momentos agradáveis, nutridos de motivação e curiosidade, teremos uma prática transformadora e a leitura se tornará imprescindível.

Para isso, os professores de Língua Portuguesa devem trabalhar diariamente com a literatura, pois é através dela que o aluno sente, vive e descobre emoções que nem sempre podem ser experimentadas na realidade. A literatura é a ponte entre o real e o imaginário, as histórias auxiliam as crianças na elaboração de seus sentimentos, já que as emoções gozadas por meio das narrativas preparam-nas para vivenciarem essas emoções no mundo real, de forma mais racional e equilibrada. A literatura suscita o imaginário, encanta e deleita o espírito.

Inicialmente, esse contato da criança com o texto acontece oralmente, através da voz de algum familiar, contando contos de fada, histórias bíblicas, histórias inventadas, lembranças da infância e tantas outras.

As histórias estão presentes em nossa cultura há muito tempo, e contar histórias é a mais antiga das artes, sendo que o hábito de ouvi-las e de contá-las tem inúmeros significados, está interligado ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de se expressar, à construção de identidade e aos cuidados afetivos.

Nas sociedades primitivas essa atividade tinha um caráter funcional decisivo, os contadores eram os que conservavam e difundiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações. Durante séculos, essa cultura se manteve sem a escrita, mas na memória viva. Transmitidos de geração em geração, os contos de tradição oral viajaram do Oriente para o Ocidente.

Com a invenção da imprensa, os livros e jornais se tornaram grandes agentes culturais dos povos. Os velhos contadores ficaram para trás, mas os contos tradicionais se incorporaram definitivamente em nossa cultura. Os Irmãos Grimm e Perrault coletaram e registraram os contos colhidos da boca do povo, permitindo que chegassem até nossos dias. Assim, as histórias ganharam a nossa casa através da agradável voz de nossa avó ou mãe.

As crianças e jovens aprendiam com as histórias vividas e contadas por seus pais, avós e parentes que compartilhavam suas experiências com a coletividade.

Mudaram os tempos, mudam os costumes. Os valores não são mais os mesmos. Atualmente, poucas famílias têm o hábito de contar histórias para as crianças à hora de dormir, essa atividade foi dando lugar a outros interesses. Com os avanços tecnológicos da sociedade contemporânea, as pessoas preferem a televisão, o *vídeo game* e o computador ao livro. Mas o fascínio que as histórias exercem sobre o homem não mudou, pois quando se conta uma história lança-se um fio invisível que vai enredando o narrador ao ouvinte, pelas tênues tramas da narração.

Para quem ficou, então, a função de provocar a imaginação infantil? Ao professor. É ele que, no contexto social vigente, deve tomar para si a função de resgatar esses momentos tão importantes na vida do ser humano, a prática mais prazerosa e usada entre as pessoas: o ato de contar / ouvir histórias.

Assim, numa sociedade tecnicista, contar e ouvir histórias são possibilidades mais libertárias da aprendizagem. Como educadores, o ato de contar histórias é uma postura a assumir, segundo Prieto (1999, p. 41):

Em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um designio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória.

Portanto, além de o professor promover a recuperação das narrativas populares, a contação de histórias assume a responsabilidade de transmitir a memória coletiva.

Contar histórias lidas, ouvidas, imaginadas, histórias de contos de fada, de terror, de suspense, etc. Enfim, todas essas formas de comunicação sempre estiveram presentes na vida e na lembrança de qualquer pessoa. Abramovich (1989, p. 16) salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

Ou seja, ouvir contar histórias na infância é muito importante para a formação da criança, já que é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é compreender não só as histórias escritas como os acontecimentos do seu cotidiano.

É também contando histórias que preparamos a criança para vivenciar com mais segurança suas próprias dificuldades ou encontrar um caminho para sua resolução. É através delas que se pode sentir e viver importantes emoções como: a raiva, a tristeza, alegria, tranqüilidade e tantas outras, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve. Abramovich (1989, p. 17) diz também que ler "... é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!"

Por isso, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte.

O ato de contar histórias deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um.

A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar histórias o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma platéia atenta as histórias, costumes e valores do seu povo. A platéia não se reúne mais em volta do fogo, mas nas escolas, os contadores de história são os professores, elo entre o aluno e o livro.

Depois de ouvir uma história, o aluno quer prolongar o prazer e a reação dele é pedir para ler o livro, momento de o professor promover esse encontro, pois é através da narração que podemos fazer nascer no ouvinte o desejo de ouvir, ler e descobrir outras histórias.

O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor. Pennac (1993, p. 124), salienta suas próprias convicções de professor que *sabe* formar leitores: "Mas ler em voz alta não é suficiente, é preciso *contar* também, oferecer nossos tesouros, desembrulhá-los na praia ignorante. Escutem, escutem e vejam como é bom ouvir uma história. Não há melhor maneira de abrir o apetite de um leitor do que lhe dar de farejar uma orgia de leitura".

Inúmeras são as possibilidades que o uso da contação de histórias em sala de aula propicia. Além de as histórias divertirem, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade.

Apesar disso, há uma ausência total ou quase total da prática de ouvir histórias na sala de aula ou na escola. Talvez essa ausência seja característica da idéia de que, na escola, a leitura deva ser somente aquela capaz de instrumentalizar o aluno para a vida futura, oferecendo-lhe oportunidade de lutar por condições mais dignas. Com esse caráter utilitário, a escola exige leitura, com vistas, quase sempre, à avaliação.

Se, por um lado, a escola lança mão de várias estratégias para fazer o aluno ler e escrever – provas, testes, questionários, interpretações de textos –, por outro, despreza a contação de histórias como ferramenta valiosa no estímulo à leitura e à escrita. Bajard (1992, p. 13) diz que “... às vezes, a expressão escrita da criança é alimentada pelas histórias contadas sistematicamente pelo professor”.

O professor pode até saber disso, mas ao analisarmos o espaço que a narrativa ocupa na sala de aula, como fonte de prazer e troca de experiências na vida dos alunos, é necessário considerar que o professor não pode se constituir narrador se ele próprio não encontra prazer em narrar histórias. Ou seja, se ele não reconhece a importância de estimular a troca de experiências com e entre alunos não será um bom narrador, já que narrar é disponibilizar experiências. Benjamin (1994, p. 201) salienta que “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

Outro ponto importante sobre o porquê dessa prática não ser comum na sala de aula são as condições institucionais que podem impedir um trabalho diferenciado com a leitura, visto que a contação de histórias foge ao padrão das avaliações.

Não se podem mensurar notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos uma história e a escola tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não se pode avaliar. Tal dificuldade é apresentada até mesmo com a literatura, que perde o seu caráter estético quando o texto literário se transforma em uma ferramenta de avaliação, fazendo com que o prazer e o deleite da leitura se evaporem com a avaliação.

É evidente que o fracasso escolar referente ao desenvolvimento pelo gosto da leitura e formação de leitores recai sobre a forma como o professor está

trabalhando a relação do livro com o aluno. A literatura não está recebendo um estímulo adequado e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, e não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos de avaliação, afastando o aluno do prazer de ler. "Porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece" (VILLARDI, 1997, p. 2).

Dessa forma, utilizar a contação em sala de aula faz com que todos saiam ganhando, seja o aluno, que será instigado a imaginar e criar, seja o professor, que ministrará uma aula muito mais agradável e produtiva e alcançará o objetivo pretendido: a aprendizagem significativa.

Por isso, a proposta do projeto "*A Arte de Contar Histórias: uma teia mágica que enreda leitores*" teve como principal objetivo desenvolver o gosto e o hábito da leitura por meio da contação de histórias e de divulgar textos clássicos da literatura e da tradição oral.

Além disso, as histórias ampliam o contato com o livro para que os alunos possam expandir seu universo cultural e imaginário e, através de variadas situações, a contação de histórias pode: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, provocar o riso, a perplexidade, o maravilhamento, etc. Ou seja, ao se contar uma história, percorre-se um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo.

As histórias despertam no ouvinte a imaginação, a emoção e o fascínio da escrita e da leitura. Afinal, contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar... Pela história... Pela leitura.

Este artigo, por conseguinte, versará sobre as atividades desenvolvidas com os alunos e as reflexões teóricas que serviram como base para a prática exercida pelo professor no decorrer do primeiro ano de existência do projeto.

2 DESENVOLVIMENTO

No início do primeiro semestre, como forma de motivação à leitura e à contação de histórias, os alunos das quintas séries do Colégio Estadual Newton Ferreira da Costa foram conhecer a Casa da Leitura, onde puderam ouvir histórias e

ler alguns livros. Em sala de aula, os alunos também passaram a ouvir, a ler e a contar histórias aos colegas. A partir dessa motivação, os alunos das demais séries do Ensino Fundamental também foram convidados a participar da oficina de contadores de histórias. Dessa forma, no horário contrário ao turno em que freqüentam as aulas, os alunos participantes reuniam-se para ouvir, ler, selecionar textos e aprender algumas técnicas para contar histórias aos colegas do grupo e na sala de aula.

2.1 METODOLOGIA

Foram realizados encontros semanais, em que aconteceram atividades variadas, com o objetivo de proporcionar aos participantes um momento de contato com a Literatura de forma prazerosa e envolvente. Através de dinâmicas e vivências decorrentes, procurou-se despertar o contador de histórias que existe em cada um, estimulando sua capacidade expressiva e criativa.

Concomitante a essas atividades, a desinibição, o ato de narrar, o estilo, a colocação de voz, a expressão corporal, o ouvir histórias como fonte comparativa de aprendizado, a interação com o grupo, exercícios de memorização, técnicas de relaxamento e a interação com a platéia foram aspectos trabalhados na oficina que teve início no dia 5 de maio de 2008, reunião em que estavam presentes, aproximadamente, 15 participantes no turno da manhã e 15 participantes no turno da tarde, na faixa etária de 10 a 13 anos, meninos e meninas do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Newton Ferreira da Costa, cuja maioria eram alunos das quintas séries, quatro alunos da sexta série, e apenas três alunos da sétima série e três alunos da oitava série.

Durante o desenvolvimento da Oficina, alguns alunos deixaram de frequentá-la, entretanto, outros alunos ingressaram na proposta. Apesar desse trânsito de alunos, a maior parte do grupo participou ativamente do projeto, faltando, eventualmente, em um ou outro encontro,

Os encontros ocorriam às quintas-feiras, como já foi mencionado, das 9h às 10h pela manhã, e à tarde das 14h às 15h em uma das salas do colégio.

Ao longo do ano ocorreram vinte e quatro encontros, todos iniciados com leitura e encerrados, geralmente, com a contação de uma história pelo professor.

Algumas das atividades foram filmadas e fotografadas, para registro da memória.

Com intuito de obter êxito, algumas atividades foram formalizadas, seguindo critérios como:

- **Seleção dos textos** - Os textos eram selecionados cuidadosamente com a ajuda do professor, evitando preconceito ou moralismo e o repertório era formado por diferentes histórias, populares ou autorais, escolhidas entre os diversos gêneros literários, como o conto, as fábulas, os mitos, as lendas, os poemas narrativos etc.
- **Preparação do aluno contador** - Após ter selecionado a história, é hora de o aluno, com a orientação do professor, prepará-la para contar aos colegas. Isso significa estudá-la, observando seus detalhes, compreendendo as partes que a constituem (introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho), para transmiti-la com propriedade ao ouvinte. Isto é: saber revelar os pontos emocionantes na narrativa, o ritmo adequado, destacar o suspense com pausas, utilizar adequadamente o silêncio, falar com clareza, olhar para todos os ouvintes e usar uma movimentação corporal que possa enriquecer a narrativa.

A estratégia utilizada para que os alunos se apropriassem das técnicas necessárias foi trabalhá-las nas oficinas de contação.

1ª - Estudar a história.

Não é necessário memorizar, mas é preciso compreendê-la, guardar as seqüências dos fatos e saber como transmitir toda a emoção no momento exato, tornando-a apaixonante.

2ª – Sentir a história.

A história deve despertar a sensibilidade de quem a conta, sem emoção não haverá sucesso.

3ª – *Ter domínio completo sobre o texto.*

O contador tem que estar seguro sobre o que vai contar, senão é melhor não contar.

4ª – *Acreditar na história.*

O contador tem que fazer o ouvinte acreditar naquilo que está sendo contado, por mais irreal que pareça, tem que passar credibilidade.

5ª – *Olhar para a platéia.*

O olhar é um vínculo fundamental de ligação entre o narrador e o público.

6ª - *Falar com voz clara e agradável.*

Contar com naturalidade é contar sem afetação, de forma clara, audível e agradável, sem impostar a voz ou falar em falsetes.

7ª - *Ser comedido nos gestos.*

Se exagerar em gestos sem objetivos, quando fizer um que seja necessário para melhor entender a história, tal gesto não será notado.

- **Apresentação** – Aconteceu mensalmente, momento em que os participantes da oficina socializaram o prazer de contar e ouvir histórias com a comunidade escolar.
- **Produto final** - O projeto culminou com o “*Festival de Contadores de Histórias*”, evento em que se consolidou o grupo de Contadores de Histórias.

Em seguida faz-se um breve relato dos resultados e das atividades desenvolvidas ao longo dos encontros com os alunos participantes da oficina.

2.2 RESULTADO E DISCUSSÃO

A “Oficina de Contadores” foi estruturada em encontros semanais e, com finalidade organizacional, cada participante recebeu uma pasta contendo o calendário anual dos dias de encontro, a proposta da oficina, uma folha contendo dicas e sugestões de livros, filmes e *sites* para pesquisa, além de bloco de anotações e caneta.

Os trabalhos foram iniciados com uma conversa da professora com os participantes, para que acontecesse a apresentação do grupo.

Questionou-se sobre os gostos de leitura e sobre os contatos que tinham com a leitura, procurando identificar quais os elementos da família que contribuíam de alguma forma, no incentivo ao gosto de ler.

Além de uma explanação sobre os objetivos da oficina, explicou-se o porquê de se contar histórias, como se organizavam os contadores e sobre a atuação profissional dos contadores contemporâneos, etc.

Em cada um dos encontros ressaltou-se sempre a importância de manutenção das técnicas necessárias para uma contação eficiente.

Às técnicas formais foram adicionadas dinâmicas estimulantes para o desenvolvimento da imaginação, da memorização, da interação com o grupo, da expressão corporal etc. como:

- A dinâmica do *Passa e Repassa*: consiste em formar uma roda em torno do professor que, no centro, segura uma bolinha na mão. O aluno a quem ele entregar a bolinha deverá dizer uma frase para dar início a uma história. Esse aluno passa a bolinha para outro colega, que dá continuidade à frase, assim por diante, até que o final da história aconteça quando o último da roda receber a bolinha.

Nesse transcorrer da atividade, o professor pôde observar as dificuldades dos alunos com relação à oralidade, à capacidade imaginativa, ao tom de voz e à postura.

Os participantes gostaram bastante dessa atividade e quiseram repeti-la várias vezes.

- A dinâmica do *Leque de Palavras*: consiste em sanfonar um papel em forma de leque, colocando em cada dobra uma das seguintes perguntas: Quem era? De onde veio? O que pretendia? Com quem se encontrou? Em que se transformou? Por quem foi transformado? Por que foi transformado? Que rumo tomou? O leque será passado para que os participantes respondam às perguntas, sem ler a resposta anterior, que permanecerá dobrada. Ao final, desdobrar o leque e ler as respostas. Criar uma história com o que foi formado.

Através dessa técnica, os alunos puderam demonstrar a capacidade de improvisação e seu potencial imaginativo.

- A dinâmica do *Contando um Conto*: consiste em formar um círculo com os alunos e propor que eles leiam um trecho do conto “*O Compadre da Morte*” de Câmara Cascudo. Em seguida, mostrar as partes essenciais do texto, aquelas que não podem ser retiradas para que o texto tenha seqüência lógica. Solicitar que um aluno fique no meio do círculo e, sem olhar o texto, conte-o de memória. Esse momento é importante para dar algumas sugestões de técnica de contação de histórias, tais como: comentar se o aprendiz está gesticulando demais, se está olhando para o chão, andando de um lado para o outro, ou se a sua mão está presa em alguma coisa. Chame a atenção para os vícios de linguagens e para a clareza da voz. Após todas essas observações e comentários, pede-se que o aluno reconte o trecho da história percebendo os seus avanços.

Essa atividade foi muito importante para poder observar a *performance* dos alunos e a capacidade de memorização.

- A dinâmica da *Cartola Mágica*: para tanto, utiliza-se a fantasia do objeto mágico, ou seja, a professora retira de dentro da cartola mágica um objeto e o aluno tem que iniciar uma história fornecida por esse objeto. À medida que os objetos são retirados, o fio da história continua e somente alcançará o seu final quando o último objeto for retirado da cartola.

Os alunos se divertiram bastante com essa atividade. Foi um momento bastante importante para que o professor pudesse observar os avanços dos participantes em relação à criatividade e à imaginação.

- A dinâmica da *Criação de Personagens*: o professor forma um círculo com os alunos e no centro coloca tule de diversas cores. Cada aluno deverá escolher duas cores de tule e imaginar uma personagem com as cores escolhidas. Por exemplo: a cor preta e roxa poderia ser representada pela personagem de uma viúva. A cor azul e amarela poderia ser sol no horizonte, etc.

Os alunos ficaram muito excitados com esta atividade, porém observou-se que alguns participantes da oficina tiveram dificuldades em criar um personagem.

- A dinâmica do *Novelo de Lã*: os participantes sentam-se em círculo, formando uma roda. A professora conta a história da “*Moça Tecelã*” de Marina Colassanti. Logo após, ela comenta com os alunos que as cores podem lembrar sensações, emoções, fatos, cheiros... Então, os alunos são questionados sobre qual é o cheiro da chuva? Qual a cor do calor? Qual da cor da alegria? Qual a cor do som de sinos bimbando? Qual a cor dos raios no céu de chuva?... Após esses questionamentos, a professora coloca no centro do círculo pedaços de fios de lã de várias cores e pede que eles peguem cores referentes a lembranças de coisas acontecidas em suas vidas, solicita que contem as histórias que lembram e, ao final de cada uma, amarre o fio à história que será contada na seqüência. Ao final, o novelo formado conterá todas as histórias contadas pelos alunos.

Alguns alunos quiseram contar mais de uma história. O tempo foi curto para tantas histórias...

- A dinâmica de *Leitura expressiva*: a técnica consiste em ler em voz alta uma frase dada pelo professor observando o ritmo das frases; as pausas (breves); o silêncio (longo); e a melodia (modulação das frases). Ex: No

morro chato, tem uma moça chata, com um tacho chato, no chato da cabeça. Moça chata, esse tacho chato é seu?

Os alunos gostaram muito desse exercício e quiseram repeti-lo várias vezes até falarem corretamente a frase.

- A dinâmica da *Forma, Cores e Objetos*: a técnica consiste em atribuir emoções e ações para as cores, formas e objetos. A professora leva para a oficina vários cartões coloridos e pede aos alunos que atribuam uma característica àquela cor. Ex: azul – tranqüilo; vermelho – violento; laranja- alegre. Depois lhes mostra vários cartões com formas geométricas - círculo, triângulo, quadrado - e pede que os alunos atribuam uma emoção àquelas figuras, como por exemplo: quadrado sério; círculo divertido; semicírculo esquisito. E, finalmente, a professora mostra-lhes um objeto e pede que eles atribuam uma função mágica (ex: anel mágico; bastão transformador). Então, a professora monta uma história com o que foi criado. Após a explicação das regras, os alunos foram distribuídos em três grupos para dar vida à atividade.

Ao final da atividade, ficaram claros os avanços dos participantes quanto à oralidade, sua capacidade imaginativa e à memorização.

Outra técnica de memorização trabalhada com os alunos contadores na oficina foi:

- A dinâmica da *Memorização*: para tanto o professor apresenta uma história aos alunos e pede que eles a leiam silenciosamente. Depois, o professor pede que os alunos releiam a história em voz alta e grava a fala dos alunos em um gravador, a fim de eles ouvirem essa história várias vezes.

Os alunos ficaram muito empolgados com essa atividade. O fato de eles escutarem o som da própria voz tornou o exercício muito estimulante.

Além das dinâmicas citadas acima, incrementou-se as oficinas com palestras esclarecedoras sobre a questão da postura corporal e sua relação intrínseca com o

sucesso do ato de contar histórias. Dessa forma, a professora iniciou a atividade falando sobre o conceito de postura corporal, a relação existente entre a postura e o emocional. Logo após, apresentou algumas opiniões de contadores sobre qual é a postura adequada para se contar histórias. Abordou, ainda, a íntima ligação entre a postura corporal e a voz. A palestra foi encerrada com alguns exercícios posturais.

Outra palestra bastante produtiva abordou a importância da voz na contação de histórias. O contador deve considerar a voz como um prolongamento do seu corpo, ela exerce um papel fundamental, pois é um instrumento com que também se tateia, se toca... A professora falou sobre os cuidados que se deve ter com ela, os alimentos que lhe são prejudiciais, como o leite e o chocolate. Salientou sobre a importância da naturalidade em se contar histórias, do uso de falsetes, da sua projeção, de tornar expressivo o que se diz e descobrir a musicalidade das frases. Para encerrar a palestra foram realizados alguns exercícios para estímulo do bom uso da voz, que deverão ser praticados pelos alunos contadores, e exercícios rápidos antes de o contador se apresentar.

Nos encontros, a professora apresentou vários livros de lendas e contos populares: contos africanos, peruanos, poloneses, brasileiros, etc. Falou sobre o folclorista Câmara Cascudo, os Irmãos Grimm, Ricardo Azevedo, entre outros.

Importante se faz ressaltar, também, que durante os encontros, os alunos traziam histórias para ler ou contar e, após a leitura ou contação, a professora sempre tecia observações sobre a postura, os gesto e a voz, etc. Nesse momento eram apontados os “erros” cometidos pelos contadores, como: colocar a mão no bolso, manter os braços cruzados, ficar nas pontas dos pés, balançar o corpo durante a narração, andar sem parar, de um lado para outro, ficar olhando para cima ou num ponto fixo na parede, falar em voz baixa, devagar ou rápido demais, gaguejar, pedir desculpas por esquecer a história, etc. Assim, ao recontarem as histórias, os alunos o faziam observando as sugestões feitas pela professora, aplicando, imediatamente, a reavaliação na atividade física e oral exercida.

Nos primeiros encontros, sempre havia alguns alunos que mostravam mais interesse, querendo sempre contar histórias e ler o que tinham trazido. Porém, uma minoria não queria contar e nem ler histórias. A postura da professora foi sempre de não impor nada, todavia, sempre tentava convencê-los a participar das atividades realizadas e a trazer histórias para ler ou contar aos seus colegas. Com o passar do

tempo, eles foram começando a ficar mais desinibidos e a trazer histórias que tinham lido e gostado para compartilhar com os colegas na oficina.

No transcorrer da implementação do projeto, estávamos todos empenhados para que cada encontro fosse melhor, com dinâmicas alegres e diversificadas. Os alunos passaram a ler cada vez mais, descobrindo, assim, o mundo mágico que há por trás das histórias. A cada encontro eles apresentavam-se cada vez menos acanhados, apresentando uma postura corporal mais adequada e expressando-se com maior clareza e desenvoltura.

Ao longo das oficinas, os participantes foram assimilando esses conceitos e, dia a dia, melhorando a sua *performance* de contadores. Esses avanços fizeram com que eles se sentissem mais seguros em apresentar-se para os colegas e em sala de aula, fatores que contribuíram para o crescimento pessoal e solidificação da auto-estima.

Dessa forma, no final de cada mês, os alunos contadores apresentavam-se para os colegas da classe e, com os resultados positivos das apresentações, eles ficavam, como já foi dito, cada vez mais estimulados.

Durante as oficinas, os alunos também se prepararam para o *Festival de Contadores de História*, evento que ocorreu em 23 de outubro de 2008 e que serviu para consolidar o grupo de Contadores de História do Colégio Estadual Newton Ferreira da Costa.

Relatos dos próprios alunos, após a apresentação do festival, demonstraram uma expressiva melhora da auto-estima, valorização pessoal e desinibição. Alguns dos participantes da oficina confessaram que perderam o medo e a vergonha de falar em público, sentiram-se realizados em subirem no palco, de serem aplaudidos e que, depois do festival, perceberam-se mais empolgados em participar do projeto, para poderem se apresentar em um próximo evento. Confirmou-se, também, uma mudança de postura em relação à leitura, que já começa a ser incorporada como algo prazeroso e divertido. Alunos que não freqüentavam a biblioteca, ou pouco a freqüentavam, tornaram-se assíduos freqüentadores. Observou-se, em sala de aula, maior concentração dos alunos nas atividades escolares, o vocabulário tornou-se mais requintado e passaram a se expressar melhor.

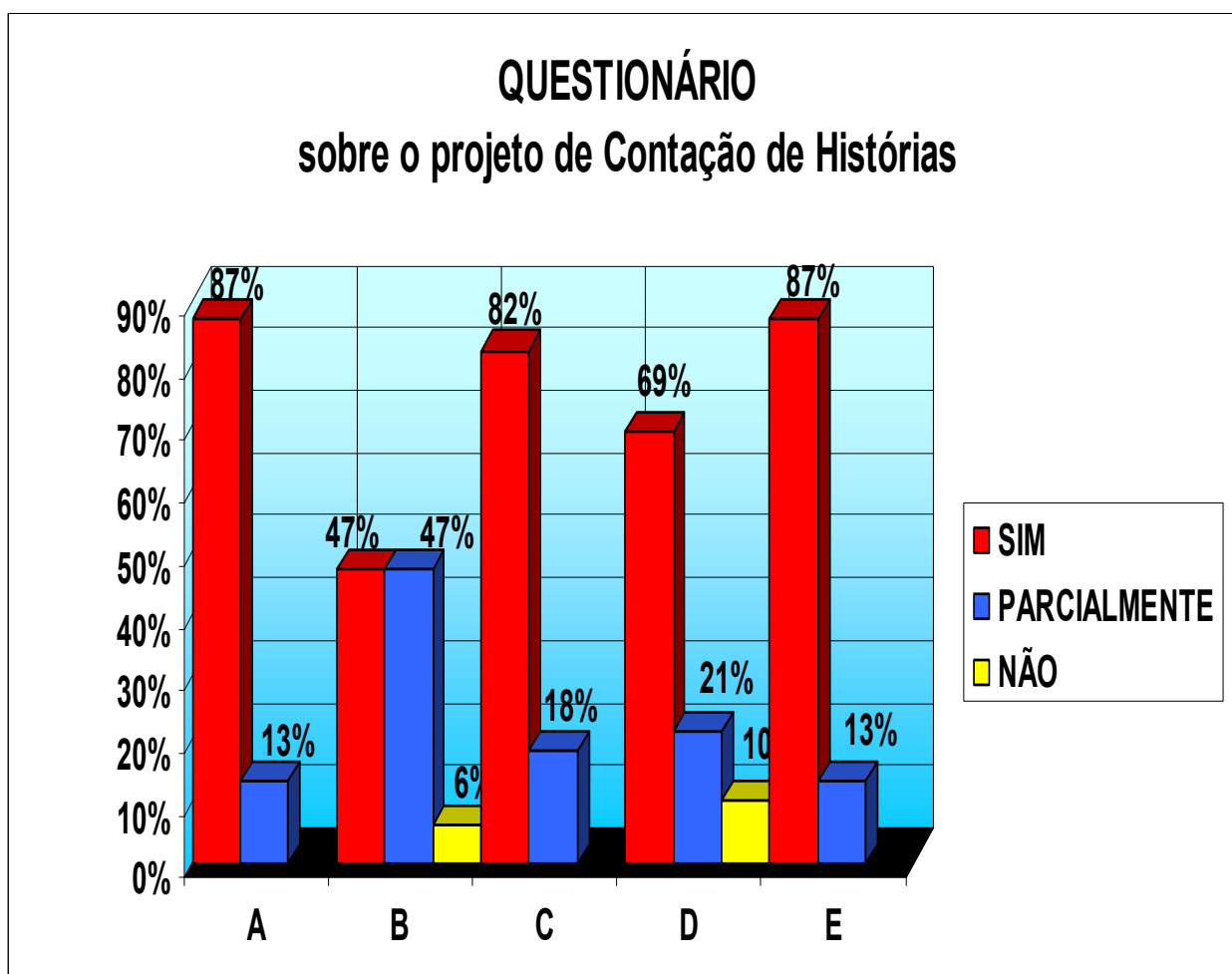
No final do semestre, em uma conversa informal, os participantes da oficina, ao exporem sua opinião sobre o projeto, expressaram-se de maneira positiva; em suas argumentações afirmaram que graças à oficina de contação de histórias é que

estavam tendo mais interesse em ler, mostravam-se cada vez mais desembaraçados e expressando-se com maior clareza, sem vícios de linguagem e lendo com mais fluência. Eles também relataram que gostavam de frequentar a oficina, pois se sentiam importantes em contar histórias aos colegas e que os pais também estavam felizes por ver essa mudança de comportamento nos seus filhos.

Esses comentários entre alunos e pais demonstraram o sucesso alcançado pelo trabalho realizado neste ano.

Um dos instrumentos avaliativos do projeto foi o questionário aplicado aos alunos participantes da oficina, a fim de investigar o resultado da implementação da proposta de Contação de Histórias na escola para a formação de alunos leitores.

Figura 1 – Questionário



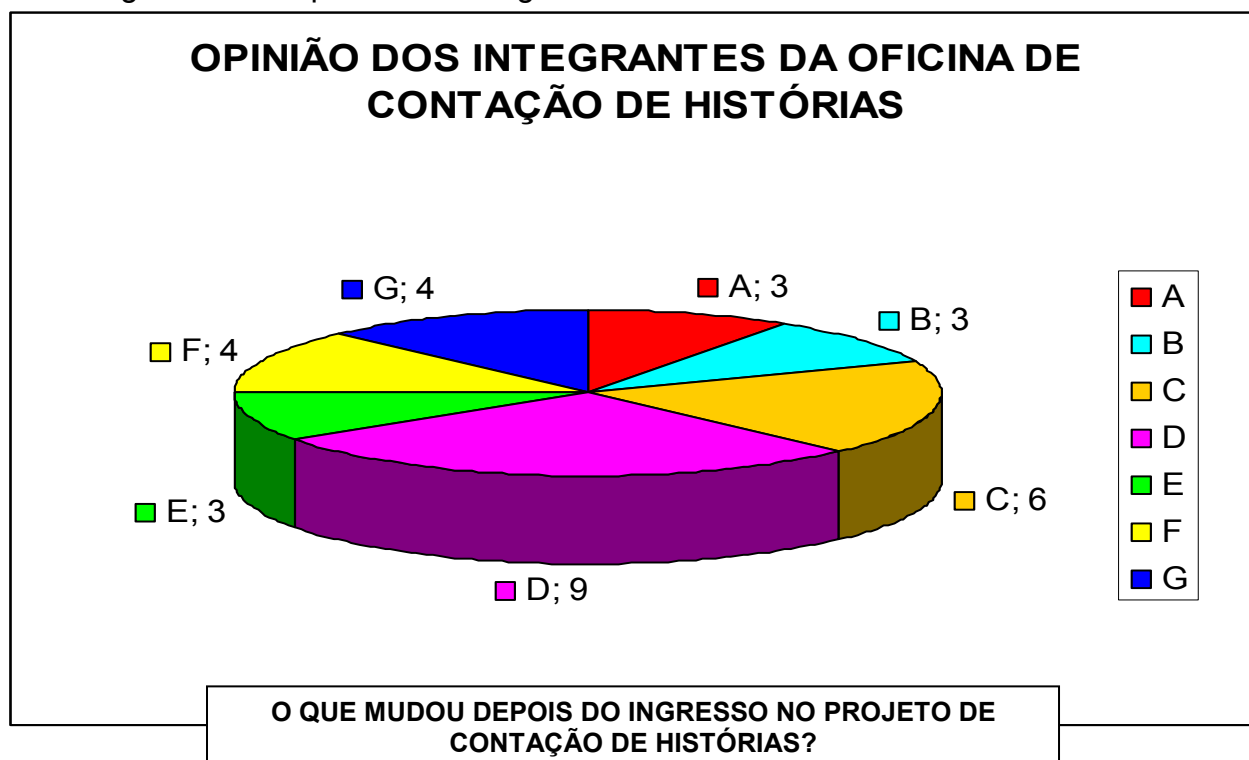
LEGENDA:

- A** – Expressa-se melhor (com mais fluência e clareza) e ampliou o vocabulário.
- B** – Escreve com mais facilidade.
- C** – Lê com mais interesse.
- D** – Frequenta a biblioteca com mais assiduidade.
- E** – A leitura tornou-se algo mais prazeroso.

A figura nº 1 comprova a validação do projeto de contação de histórias na escola como uma das estratégias para o estímulo à leitura.

Segue outra figura com respostas dos alunos participantes do projeto sobre o que mudou em relação à leitura, a vida pessoal e escolar depois que ingressaram na oficina de Contação de Histórias.

Figura nº 2 – Opinião dos integrantes



LEGENDA:

- **A** Aprender a falar em público e não ter vergonha de subir no palco.
- **B** Elevação da auto-estima.
- **C** Descobrir a leitura como forma de prazer e diversão.
- **D** Melhoria na oralidade
- **E** Melhor desempenho nas aulas de Português
- **F** Desenvolvimento da imaginação e memorização.
- **G** Não opinaram.

De acordo com as respostas obtidas, observa-se uma significativa mudança de postura dos alunos contadores de histórias frente à descoberta da leitura como forma de lazer e prazer, a melhoria da oralidade e do desempenho nas aulas de português, a capacidade imaginativa e de memorização e a desinibição.

Enfim, os resultados confirmam a hipótese levantada para esta pesquisa: a exposição a histórias, contos, novelas, ou seja, à literatura em geral, estimula o imaginário, a aprendizagem e a formação do aluno leitor.

3 CONCLUSÃO

Após sete meses de atividades realizadas no projeto, pode-se dizer que os participantes cresceram muito com as experiências adquiridas.

Os objetivos desse trabalho foram alcançados com êxito, já que as atividades realizadas durante as oficinas estimularam a criatividade, a leitura e a melhoria na capacidade oral dos alunos.

O entusiasmo dos alunos participantes da oficina pelas atividades realizadas e seu crescente interesse por livros e pela leitura são fatores decisivos para a continuação do projeto nos próximos anos. Esta proposta demonstra o valor da contação de história como fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: Gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.

BAJARD, Elie. Afinal, onde está a leitura? *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo. Nº33, novembro, 1992 p. 13.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Abril, 1995.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: Magia e Técnica, arte e política. Ensaio sobre Literatura e histórias da cultura. Obras escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASCUDO, Luís da C. *Contos tradicionais do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Global, 2003.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, Moacir. *O que é ler? Leitura: teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PRIETO, Heloísa. *Quer ouvir uma história: Lendas e mitos no mundo da criança*. São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem Século XXI.

VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

ZIRALDO. *A escola não está preparada para a magia da leitura*. Nova Escola, /Fundação Victor Civita, nº. 25, out. 1988.